



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,  
raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e  
desigualdades**

**REFLEXÕES SOBRE A “QUESTÃO SOCIAL” NO BRASIL A PARTIR DE  
CAROLINA MARIA DE JESUS  
Em sua obra: “Quarto de Despejo: diário de uma favelada.”**

**RITA DE CÁSSIA CRISTINO MARCOS RISSI<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo surge como proposta de a partir da obra: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, aproximar as reflexões conceituais sobre: “questão social” e a dura realidade socioeconômica brasileira. Com base nos relatos do diário da autora, proponho uma análise do Brasil e das ações do Estado brasileiro para enfrentar as desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus, “questão social”, Estado brasileiro, desigualdades sociais.

**Abstract:** This article arises as a proposal to draw on the work: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, to bring together conceptual reflections on: “social issue” and the harsh Brazilian socioeconomic reality. Based on reports from the author's diary, I propose an analysis of Brazil and the actions of the Brazilian State to address social differences.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus, “social issue”, Brazilian State, social differences.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal do Rio de Janeiro

## 1. Introdução:

Proponho neste artigo, a reflexão, sobre a “questão social” no Brasil, apontando alguns fragmentos da obra: *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus ({1960} 2014). Recentemente, a referida autora recebeu uma homenagem póstuma de *doutor honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (título concedido em fevereiro de 2021 e divulgado nos veículos de comunicação).

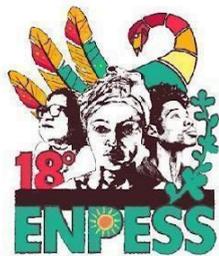
Me aproprio desta leitura como ponto de partida para o debate conceitual sobre a “questão social” no Brasil, por compreender que a análise do cotidiano feita por Carolina Maria de Jesus, nos traz um “estado da arte” sobre classes sociais, pauperismo, “questão social” e intervenção do Estado brasileiro. Ler a obra de Carolina Maria de Jesus, foi fundamental para a construção deste trabalho e para análise da realidade socioeconômica brasileira.

Portanto, busco um diálogo que propõe uma desconstrução do mito da “democracia racial” no Brasil, além de afirmar a importância de no processo de formação do assistente social, nos debruçarmos nos estudos e análises sobre a estrutura racista da sociedade brasileira: para que nos seja possível compreender as particularidades do lugar dependente do nosso país no sistema capitalista mundial.

## 2. Eixos para o debate

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 na cidade de Sacramento no Estado de Minas Gerais. Carolina criou sozinha seus três filhos e morou na primeira grande favela de São Paulo, a Canindé. A favela do Canindé, foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê. Em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus nos apresenta em forma de escritos diários, o cotidiano como mulher negra e mãe (que cria seus três filhos sozinha), em uma favela na grande São Paulo nos meados da década de 1950.

Irei trazer alguns trechos deste cotidiano relatado por Carolina Maria de Jesus em sua obra já mencionada, para a partir deles fazer a reflexão conceitual sobre a “questão social”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

*" 2 de maio de 1958 - Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.*

*... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.*

*...Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doíam tanto que eu não podia andar. Começou chover. Eu ia na Delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos está com 9 anos.*

*9 de maio... Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando.*

*13 de maio - Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.*

*...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos estão mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os branco para que os preto seja feliz.*

*Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco, vou sair.*

*... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:*

*- Viva a mamãe!*

*A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:*

*- Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.*

*...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha para a Dona Alice. Ela deu-me banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.*

*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura – a fome!" (Jesus, Carolina Maria. {1960 }2014,p.28-32).*

*"19 de maio -Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As vezes deve ser mais feliz que nós. Talvez entre eles reine a amizade e igualdade. (...)O mundo das aves deve ser melhor que o dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.*

*... O senhor Juscelino tem de aproveitar é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado, sabiá, para não perder a gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.*

*... Deixei de meditar quando ouvi o padeiro:*

*- Olha o pão doce, que está na hora do café!*

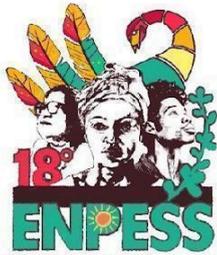
*Mal sabe ele que na favela é a minoria que toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. Todas as famílias que residem nas favelas tem filhos. (...)Havia pessoas que nos visitava e dizia:*

*- Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isso aqui é o chiqueiro de São Paulo.*

*... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa.*

*... Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas.*

*... Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil (...) A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casimiro de Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga". (...) Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos a aturam só 6 dias. Antigamente, isto é, de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas, 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se. Outro dia eu encontrei um soldado. Perguntou-me:*



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

- Você ainda mora na favela?
- Porque?
- Porque vocês deixaram a rádio patrulha em paz.
- É o dinheiro que não sobra para a aguardente.

... Deitei o João e a Vera e fui procurar o José Carlos. Telefonei para a Central. Nem sempre o telefone resolve as coisas. Tomei o bonde e fui. Eu não sentia frio. Parece que o meu sangue estava a 40 graus. Fui falar com a Polícia Feminina que me deu a notícia do José Carlos que estava lá na rua Asdrubal Nascimento. Que alívio. Só quem é mãe é que pode avaliar.

(...) Cheguei na rua Asdrubal Nascimento, o guarda mandou-me esperar. Eu contemplava as crianças. Umas choravam, outras estavam revoltadas com a interferência da Lei que não lhes permite agir a sua vontade. O José Carlos estava chorando. Quando ouviu a minha voz ficou alegre. Percebi o seu contentamento. Olhou-me. E foi o olhar mais terno que eu já recebi até hoje.

... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus ilustres cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo. (Jesus, Carolina Maria. {1960} 2014, p.39-37).

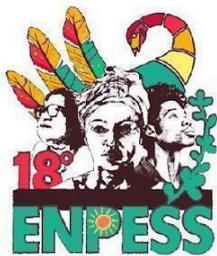
A partir destes fragmentos da obra de Carolina Maria de Jesus: *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, é possível nos aproximarmos e dialogarmos com os debates conceituais feitos, conforme análise de Souza e Teles (2021):

“(...) buscar as conexões histórico-estruturais das manifestações cotidianas das expressões da “questão social” é o que possibilita uma compreensão das mesmas para além da aparência e fragmentação com que se apresentam no seu movimento concreto e imediato. (...) Todavia, a apropriação da dinâmica particular dos seus elementos constitutivos requer entender o movimento das contradições sociais, a partir de cada território circunscrito nesse processo violento, destrutivo e brutal, que é a acumulação de capital.” (Souza e Teles, 2021, p. 48).

Nesta perspectiva, compreendemos que a Lei Geral da Acumulação Capitalista formulada por Marx e o debate sobre o pauperismo e a “questão social” e suas expressões no Brasil (um país inserido de forma dependente ao modo de produção capitalista e que foi constituído por um processo de quase 400 anos de escravidão), pode ser analisado nas linhas do diário de Carolina Maria de Jesus. Carolina expressou em sua escrita uma resistência e uma análise do Brasil da década de 1950 e as estratégias permeadas ora por um caráter policial ora por um caráter político para o enfrentamento das expressões da “questão social” no país, conforme nos aponta Ianni (1989).

Nos escritos de Carolina Maria de Jesus, é possível analisarmos o lugar da mulher negra e pobre e sua luta para a preservação da dignidade dos seus filhos, além de uma compreensão do acesso à educação como um caminho para sair da condição de extrema pobreza, atravessadas por críticas aos políticos que usam os pobres para se elegerem, mas não fazem nada para mudarem a condição de pobreza da população.

Carolina na sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* ({1960} 2014) nos retrata sobre a fome, sobre a insegurança alimentar que ainda hoje assola a nossa sociedade e faz um paralelo dos



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

múltiplos “brasis” dentro do Brasil, ao relacionar as condições de vida da cidade e da favela, localizando a última como o quarto de despejo. Podemos afirmar que ela fala do quarto de despejo, como o lugar onde se localiza o não desejado, os sobrantes, os que podem ser descartados e desumanizados.

Enfrentar a realidade da fome e da extrema pobreza, em um mundo que gera tantas riquezas e que as concentra na mão de poucos, pode ser analisado e compreendido através de leituras atentas à obra de Marx e seu legado para traçar um olhar histórico, crítico e dialético sobre a sociedade no modo de produção capitalista.

Tomando a Lei Geral de Acumulação Capitalista, formulada nos estudos de Marx e inscritas no capítulo XXIII de *O’ Capital*, para fundamentar a nossa análise, podemos destacar:

A acumulação capitalista produz constantemente, e na proporção de sua energia e seu volume, uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, isto é, excessiva para as necessidades médias de valorização do capital e, portanto, supérflua.

Mas se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista.

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva

Por fim, quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista. Como todas as outras leis, ela é modificada, em sua aplicação, por múltiplas circunstâncias, cuja análise não cabe realizar aqui. (Karl, Marx. {1867} 2013, p.870-875)

Portanto, podemos apreender que no modo de produção capitalista a geração da pobreza e de trabalhadores sobrantes é necessária para a produção das riquezas e a concentração dela: para uma parcela reduzida da população. Neste contexto, considero ser relevante trazer as reflexões de Guerra, Yolanda; Batista, Alfredo (2021) sobre: *A expressão “questão social” em questão: um debate necessário ao Serviço Social*.

No artigo supracitado, Guerra e Batista localizam o termo “questão social” para explicar o aprofundamento das sequelas oriundas da exploração absoluta que tomava conta das famílias proletárias e, ao mesmo tempo, da materialização da classe trabalhadora da condição de classe para si. Os autores, compreendem que somente a crítica elaborada pelo materialismo histórico-dialético permite ir à raiz da “questão social” Guerra e Batista (2021, p.173).

Segundo Netto, 2001, apud Guerra e Batista, 2021, p.179: “(...) pela primeira vez na história registrada, a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas”. Guerra e Batista (2021) seguem nesta análise e apontam para o debate sobre a degradação



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

da vida de alguns seres humanos, que nesta lógica, não servem nem para retornarem ao mercado de trabalho, compondo assim uma dita “classe perigosa” que coloca em risco material e moral as vidas da classe burguesa.

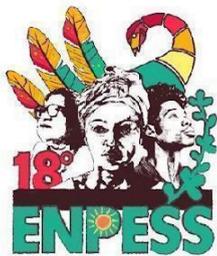
Podemos, a partir destes trechos, nos debruçarmos sobre os projetos societários em disputa descrito por Marx no início da constituição e construção da sociedade burguesa na qual, a classe trabalhadora começa a compreender que seus interesses não serão contemplados no interior da sociedade burguesa. De uma classe burguesa, que utiliza do Estado e do seu arsenal institucional coercitivo para frear e indicar o lugar da classe trabalhadora. Em leitura atenta aos fragmentos trazidos aqui da obra de Carolina Maria de Jesus, podemos observar a intervenção policial nas favelas, no sentido de conter a população pobre, inclusive as crianças pobres como alvo das ações de coerção.

O lugar de Carolina como catadora de papel é emblemático, para registrar a população excedente, sem perspectiva de ser “incluída” no mercado de trabalho formal e, que sofre as consequências desta forma de sobrevivência. Não havia neste cenário social (do Brasil dos finais dos anos 50 do século XX), políticas de enfrentamento da pobreza por parte do Estado, mas sim ações pontuais de políticos em épocas eleitorais e a solidariedade entre alguns trabalhadores menos empobrecidos, que ajudavam quando podiam os mais empobrecidos. Contexto este, relatado por Carolina Maria de Jesus, ao registrar as pessoas com as quais ela podia pedir, nos casos de total falta de alimento para oferecer aos seus filhos.

Neste contexto social, a escola era o espaço público de refúgio e de garantia de alimentação dos filhos desta fração mais empobrecida da classe trabalhadora; realidade que vivemos até os dias atuais e que ficou exposta no período da pandemia da covid-19. Neste período da pandemia, onde as escolas precisaram ser fechadas, para a garantia de controle sanitário e de propagação do vírus da covid-19, os governos estaduais e municipais, lançaram mão de ações de oferta da merenda escolar, através de transferência de renda ou de distribuição de cestas básicas, com o objetivo de garantir o mínimo de subsistência das crianças e das suas famílias.

Cumpramos destacar: que diferentemente do Brasil dos anos 1950/60, atualmente, possuímos instrumentos legais como a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, que força o Estado burguês dentro dos limites dos seus interesses, proteger à infância e garantir mínimos sociais, através das políticas sociais.

Guerra e Batista (2021) nos apontam que a burguesia não mediu esforços para que o mundo das ideias estivesse sob seu controle e quando se via em iminente perigo: considerando que a fome tem pressa e a classe trabalhadora já se posicionava para protagonizar um novo projeto societário e



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

revolucionário (considerar aqui os níveis insuportáveis e insustentáveis da exploração do capital), as ferramentas da opressão foram colocadas em movimento, deixando claro quem era o verdadeiro comandante do projeto societário atual Guerra e Batista (2021, p. 184).

Portanto, podemos tomar por definição, a partir de Guerra e Batista (2021), que a expressão “questão social” passa a ser utilizada em decorrência da consciência política do proletariado acerca de uma nova pobreza, que apresenta novas determinações, no seu fundamento e na sua amplitude, pois generaliza-se. Nesta perspectiva, a “questão social” vincula-se a constituição e consolidação da classe operária em para si e à ameaça que representa para a ordem burguesa. Yazbek (2021), segue nesta análise e definição da “questão social”, como resultado da divisão da sociedade em classe e da disputa pela riqueza socialmente gerada, considerando que a apropriação desta riqueza é extremamente desigual no modo de produção capitalista.

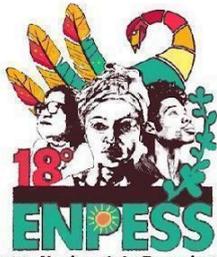
Netto (2012) apud Souza e Teles, nos ajuda na compreensão da dinâmica da “questão social” ao afirmar:

“O problema teórico consiste em determinar concretamente a relação entre as expressões emergentes e as modalidades imperantes de exploração. [...] isto significa que o desafio teórico, acima salientado, envolve, ainda, a pesquisa das diferencialidades histórico-culturais (que entrelaçam relações de classe, geracionais, de gênero e de etnia constituídos em formações sociais específicas) que se cruzam e se tencionam na efetividade social. Em poucas palavras, a caracterização da “questão social”, em suas manifestações já conhecidas e em suas expressões novas, tem de considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais.” (Netto,2021, apud Souza e Teles,2021, p. 47).

Portanto, neste processo de caracterização da “questão social”, atravessado por determinações complexas, desde questões étnico-raciais, de gênero, nacionais e regionais, temos a produção de novas e a ratificação as antigas refrações da “questão social”. Estas refrações da “questão social” são segundo Guerra e Batista: múltiplas, pluridimensionais e polifacéticas (2021, p.185). Logo, o mesmo processo que gera a riqueza, gera o seu contrário, fundamentando a luta de classes.

Todo este complexo processo de entendimento dos fundamentos da “questão social”, nos ajuda a produzir elementos teóricos de não naturalização da pobreza, de não limitação do enfrentamento desta condição através das ações humanistas cristãs e para refutarmos as propostas meritocráticas como exemplos de superação deste lugar. Carolina Maria de Jesus, em seus escritos, traduz a revolta e a resistência de quem se encontra neste lugar de extrema pobreza, não romantizando a mesma, mas nos informando sobre estar neste lugar resistindo através da sua luta por sobrevivência.

Neste sentido, consideramos importante destacar as particularidades da “questão social” no capitalismo periférico e dependente no Brasil. Yazbek (2021), nos aponta sobre destacarmos na análise sobre as particularidades da “questão social” no Brasil, o atravessamento das questões relativas ao



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

racismo estrutural que permeia as relações sociais em nosso país, assim como a opressão presente nas relações de gênero: como marcas do escravismo e do patriarcado que estruturaram e formaram a sociedade brasileira.

Yazbek (2021, p.24-25) considera classe, gênero e raça, como eixos estruturantes da dominação e que é atravessado pela luta de classes, no qual os capitalistas pressionam permanentemente por uma maior extração possível de trabalho não pago. Por outro lado, temos os trabalhadores que enfrentam uma burguesia que busca minar suas formas de organização e subtrair direitos sociais e trabalhistas, que foram duramente conquistados ao longo da história.

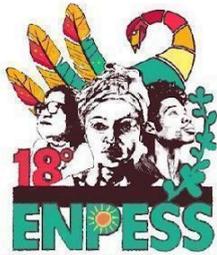
Atualmente, com base nas análises de Yazbek (2021), temos massas crescentes de trabalhadores e trabalhadoras informais, desempregados, uberizados, precarizados, sem direitos. Ao trazer para análise os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de fevereiro de 2021 apud Yazbek (2021, p.25), no Brasil do início da segunda década do século XXI: “são 14.4 milhões de desempregados e 6 milhões em condição de desalento, um crescimento de 36% em um ano com impacto de 5% a mais em relação as mulheres”. Podemos analisar que o Brasil de 2022 se assemelha em muito à realidade do Brasil descrito por Carolina Maria de Jesus dos anos 50/60 do século XX.

### 3. Considerações Finais

Para as considerações finais deste trabalho, gostaria de trazer alguns dados atualizados sobre a fome no Brasil, a partir da compreensão desta expressão da “questão social” como uma das que mais desumanizam os cidadãos que são atravessados por ela. Como bem descrito por Carolina Maria de Jesus, em seu diário: “*eu lutava contra a escravatura atual – a fome!*” (Jesus, Carolina Maria. {1960 }2014, p.32)

Segundo informações obtidas pelo jornal eletrônico: Nexo Jornal (acesso em 16 de junho de 2022), em reportagem publicada em 8 de junho de 2022, com o título: *Fome no Brasil atinge 33 milhões e volta ao patamar dos anos 90:*

“Aproximadamente 33,1 milhões de brasileiros passam fome no Brasil em 2022, ou seja, estão sujeitos à insegurança alimentar grave. O número equivale a 15,2% da população do país. Os dados são do 2º Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, divulgado nesta quarta-feira (8) pela Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional). O estudo, executado pelo instituto Vox Populi, mostra que esse número quase dobrou em relação a 2020, atingindo 14 milhões de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

pessoas a mais. Dados do Ipea (Instituto de Pesquisa econômica Aplicada) mostram que em 1993 o país tinha 32 milhões de pessoas passando fome. Isso quer dizer que a fome no Brasil em 2022 se equipara à fome do Brasil de quase 30 anos antes.”

(Fonte:

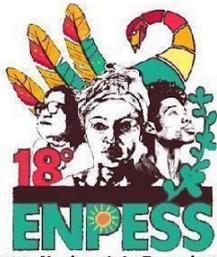
<https://www.nexojournal.com.br/extra/2022/06/08/Fome-no-Brasil-atinge-33-milh%C3%B5es-e-volta-ao-patamar-dos-anos-90>).

Para fazermos este paralelo da fome em 2022, com a realidade retratada por Carolina Maria de Jesus nos anos 50 do século XX no Brasil, considero importante trazer alguns dados obtidos em reportagem do Jornal eletrônico Correio Braziliense, em pesquisa realizada no dia 16 de junho de 2022 com a matéria: *'Até o feijão nos esqueceu': o livro de 1960 que poderia ter sido escrito nas favelas de 2021: Filhos passando fome. Dificuldade para comprar itens básicos devido à alta de preços. A coleta de sucata como única fonte de renda em meio ao desemprego*, publicada no dia 16 de maio de 2021:

“Por exemplo, naquela época, éramos cerca de 52 milhões de brasileiros e hoje somos mais de 211 milhões. Pouco mais de 36% da população de então era urbana, comparado a 85% hoje. Metade da população de 15 anos ou mais era analfabeta, ante menos de 7% de analfabetos atualmente. Um levantamento de 1957 contava 141 favelas em São Paulo, com pouco mais de 8 mil domicílios e cerca de 50 mil favelados. Em 2017, os domicílios em favelas na cidade eram mais de 390 mil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O processo de industrialização na década de 1950, que levou ao início da favelização nos grandes centros urbanos, trouxe consigo um fenômeno novo: a fome urbana. O jornal Folha da Manhã, que viria depois a se tornar a Folha de S. Paulo, em uma reportagem de 1952, descrevia as recém surgidas favelas como “um ambiente de miséria, desconforto e fome”.(Fonte: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/05/4924868-ate-o-feijao-nos-esqueceu-o-livro-de-1960-que-poderia-ter-sido-escrito-nas-favelas-de-2021.html>).

Ao mesmo tempo, em que vivemos esta realidade de aprofundamento e novas expressões da “questão social”, podemos analisar, com base em Yazbek (2021), um cenário de aumento da concentração de propriedades e riquezas, a emergência de novos bilionários e a união íntima de banqueiros e industriais; processos estes, que são acelerados e impulsionados pelo atual estágio do capital financeiro e que expressam os movimentos atuais da sociedade burguesa. Sociedade esta, que controla os diversos segmentos do capital, articulando consensos e criando os mecanismos de sujeição do Trabalho ao Capital, com direitos sociais cada vez mais reduzidos e a constituição de uma multidão de trabalhadores disponíveis e subordinados, sem direitos, sem definição da jornada, em condições de absoluta precarização (Yazbek, 2021, p.25). Segundo Souza e Teles (2021): é típico da sociedade capitalista a expulsão de parte dos trabalhadores da apropriação da riqueza produzida.

Portanto, a realidade descrita por Carolina Maria de Jesus nos finais da década de 50 do século XX do Brasil, de um país que estava em crescente investimento industrial (conduzido pelo Estado), se assemelha e se agrava em muito no Brasil da segunda década do século XXI, acrescentando-se o fato



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

de que no atual estágio do processo capitalista, o Estado se afasta cada vez mais do lugar estratégico de garantir as condições de geração de emprego e renda para a população e se aproxima em oferecer as melhores condições para os investimentos capitalistas para estimular o aumento dos seus lucros e ganhos.

Neste sentido, afirmo que vivemos atualmente um acirramento das condições de sobrevivência descritos e vividos por Carolina Maria de Jesus. Tomo por análise os escritos da autora, por compreender, a partir de Souza e Teles (2021) que eles nos ajudam na definição dos elementos essenciais da relação de classes, a partir de estruturas particulares de formações sociais, historicamente determinadas. Souza e Teles (2021), mencionam Gorender (2016) que afirma: “[...] o particular não é um exemplo do geral, [...] e sim a existência do geral mais rica de determinações que o próprio geral” (Gorender, 2016 apud Souza e Teles, 2021, p.48).

Nesta perspectiva de análise das particularidades das formações sociais, e das ações que ultrapassam as fronteiras nacionais e regionais, não podemos deixar de mencionar, o impacto do neoliberalismo e do crescimento do conservadorismo para analisarmos as expressões da “questão social” no Brasil do século XXI. Conforme (Harvey, 2008):

“O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercado e livre comércio.” (Harvey, 2008, p.12).

Em seguida, Harvey (2008) destaca que o Estado tem o papel fundamental de criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas e de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro e de enquadrar todas as ações humanas no domínio do mercado. Nesta perspectiva, o autor analisa, que o sucesso e o fracasso individuais são interpretados em termos de virtudes empreendedoras ou de falhas pessoais (como não investir o suficiente em seu próprio capital humano por meio da educação), em vez de atribuídos a alguma propriedade sistêmica (como exclusões de classe que se costumam atribuir ao capitalismo) (Harvey, 2008, p. 76).

Neste contexto neoliberal, que considera que todos possuem as mesmas condições de sobreviverem as liberdades do mercado, o Estado vai assumindo cada vez mais o seu lugar de garantir os lucros e privilégios de alguns e, atuando em ações pontuais e focais para minimizar as condições de pobreza, de parte da população. Contudo, sempre impondo que esta situação de pobreza deve ser superada por cada um, individualmente, pelo caráter meritocrático. Conforme Yazbek (2021), a

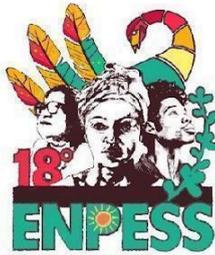
conclusão que se chega é que não interessa ao Capital, manter as políticas sociais organizadas e financiadas pelo Estado para a multidão sobrando (Marques, 2018, p.100 apud Yazbek, 2021, p.26).

Ainda conforme a autora, Yazbek (2021), estamos vivendo em tempos de mudanças globais, que vão alterando o perfil da “questão social”, com profundas transformações nas políticas sociais que se tornam cada vez mais focalizadas, desfinanciadas e precarizadas; colocando o desafio de construir direitos e outras mediações políticas e ideológicas expressas por ações de resistências e alianças estratégicas, por dentro dos espaços institucionais e no contexto das lutas sociais (Yazbek, 2021, p.27). Porém, temos a clareza que a superação destas condições só será possível com a superação da ordem societária capitalista.

Trazer a articulação dos escritos de Carolina Maria de Jesus, com os conceitos sobre a “questão social”, contribuem para a realização do debate que me proponho a fazer na pesquisa do doutorado sobre a formação social brasileira, a questão étnico-racial e o trabalho/formação do assistente social. Reconhecendo, segundo Souza e Teles (2021), que é a práxis negra e indígena, na luta contra a estrutura exploradora e violenta do escravismo colonial, o marco inaugural da luta de classes no Brasil. Da luta de classes que expropria e explora os corpos negros e indígenas no processo de escravismo colonial até os dias de hoje, quando analisamos a racialização dos despossuídos e expropriados na sociedade capitalista brasileira. Levando a negros e indígenas à condição majoritária de sem terras, sem tetos, sem emprego e sem direitos, conforme analisam Souza e Teles (2021, p. 51). Cumpre mencionar os estudos que Florestan Fernandes (1972) 2007) desenvolveu sobre a sociedade capitalista brasileira e a inserção dos negros, afirmando que o negro permanece condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como humano e como igual.

À guisa de uma pretensa conclusão deste trabalho, é importante destacar que o Estado brasileiro pós abolição da escravatura, não criou alternativas de sobrevivência e inserção da maioria negra no mercado de trabalho, no acesso à terra e a direitos básicos, conforme aponta Souza e Teles (2021, p.52). Portanto, trazer os escritos e análises de Carolina Maria de Jesus, ajudam na nossa compreensão sobre este Brasil desigual, pela perspectiva da resistência da classe trabalhadora que é expropriada da riqueza nacional. Sobrando para a mesma o lugar de recolher o lixo e o quarto de despejo, como tão bem analisado por Carolina Maria de Jesus.

#### **4. Referências Bibliográficas**



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

CASTEL, R. As Metamorfoses da Questão Social. **Uma Crônica do salário**. Petrópolis, Vozes, 1998. Capítulos VII e VIII.

COUTINHO. Carlos Nelson. **Cidadania e Modernidade**. Transcrição de conferência pronunciada na Embratel, com transmissão em rede nacional de televisão executiva, em 20 de maio de 1994, num ciclo de debates sobre "Modernidade". 1999. (*On line*).

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. Ver. São Paulo: Global, 2007.

GUERRA, Yolanda; BATISTA, Alfredo. **A expressão "questão social" em questão: um debate necessário ao Serviço Social**. In: In: Revista Temporalis, Brasília, julho/dezembro de 2021, ISSN 2238-1856.

Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/36507>

HARVEY, David. **Neoliberalismo História e implicações**. Loyola, SP, 2008.

KARL, Marx. **O' Capital Crise da Economia Política, Livro I: O processo de produção do capital**; Capítulo XXIII, A Lei Geral de Acumulação. Tradução: Rubens Enderle; Editora Boitempo, 2011.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de; Teles, Heloísa. **Pressupostos para uma análise histórico-estrutural, da Questão Social no Brasil**. In: Revista Temporalis, Brasília, julho/dezembro de 2021, ISSN 2238-1856.

Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/36842>

YAZBEK, M. C. O. **Expressões da Questão Social brasileira em tempos de devastação do trabalho**, Revista Temporalis, Brasília (DF), julho/dezembro de 2021, ISSN 2238-1856.